

A PRODUÇÃO DE CONSENSO DO BANCO MUNDIAL PARA A APRENDIZAGEM NA ÁFRICA: ANÁLISE DO BLOG EDUCATION FOR GLOBAL DEVELOPMENT

CAMILA MARIA BORTOT

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO NORTE DO PARANÁ

camila.bortot@uenp.edu.br

INTRODUÇÃO

Historicamente, organismos internacionais têm desempenhado um papel central na formulação de agendas educacionais, orientando diagnósticos e recomendações que tensionam os Estados a alinharem-se a diretrizes globais. No caso do Banco Mundial, essa atuação se intensifica mais recentemente com a estratégia *Learning for All/Aprendizagem para todos (2011)*, que desloca o foco da escolarização para os resultados de aprendizagem, ao afirmar que o desenvolvimento depende dos conhecimentos adquiridos e não do tempo de permanência na escola (Banco Mundial, 2011). Conforme Pronko (2019), essa reorientação subordina a educação às exigências do desenvolvimento econômico e amplia seu alcance para além da escola, incorporando a aprendizagem ao longo da vida, em um movimento que redefine estruturalmente as políticas educacionais sob a lógica da competitividade global.

Para além de documentos institucionais, o Banco Mundial mobiliza dispositivos de circulação de ideias, como o blog *Education for Global Development*, que reúne produções de consultores, materiais institucionais e referências vinculadas a publicações como *o World Bank Research Observer e os Policy Research Working Papers*.

As publicações do blog não se restringem à divulgação científica, mas também atuam como instrumentos de orientação política, contribuindo para a formação de consensos. Assim, este trabalho tem como objetivo analisar como o Banco Mundial produz consenso em torno do projeto Aprendizagem para Todos, a partir das publicações



do blog *Education for Global Development*, com foco na África, entre 2012 e 2025. O recorte empírico vincula-se às investigações da Rede Internacional de Investigação em Políticas e Gestão da Educação “Pontes Lusófonas”.

Segundo Gramsci (2006), a hegemonia resulta da articulação entre força e consenso construído historicamente pela legitimação dos grupos dominantes. O consenso, por sua vez, não é espontâneo, mas é produzido pela difusão de ideias que se naturalizam, podendo também ser induzido por instituições quando não há adesão ativa.

Do ponto de vista metodológico, trata-se de uma pesquisa qualitativa, de natureza documental, que analisa, como fonte, as publicações do referido blog no período de 2011 a 2025, com foco em textos sobre educação na África. O corpus foi definido com base nos descritores “*Africa Education*” e “*Learning in Africa*”, selecionando-se produções que abordam reformas nas políticas educacionais.

DESENVOLVIMENTO

Registra-se que as publicações selecionadas não são textos isolados nem produções neutras de circulação acadêmica, mas formulações elaboradas por sujeitos diretamente vinculados ao Banco Mundial ou fortemente articulados à sua rede de influência, entre eles ex-ministros africanos, economistas, especialistas em educação e consultores.

Um primeiro eixo dessa agenda é a centralidade do capital humano. Em *Voices from Former African Ministers of Education on the Challenges of Workforce Development*, Razafinjatovo, Ndoye, Mutumbuka e Fredriksen (2012), ex-ministros africanos apresentam o modelo *Skills toward Employability and Productivity* (STEP), que define a educação como base do desenvolvimento socioeconômico e orienta a formação de habilidades alinhadas ao mercado de trabalho. Nessa perspectiva, o “problema social da juventude” é reinterpretado não em termos de desigualdade estrutural, mas como inadequação entre formação e emprego, deslocando-se de uma educação sem trabalho para a condição de “jovens desempregados educados” (Razafinjatovo et al., 2012, p. 3). Em decorrência, orientam a articulação entre Estado, empregadores e atores não estatais, o desenvolvimento de sistemas de avaliação centrados em habilidades e a implementação



de formações orientadas pela demanda, com foco no desenvolvimento de competências cognitivas, comportamentais e técnicas.

Um segundo eixo é a centralidade da avaliação e da mensuração como mecanismos de regulação da qualidade. Em 2016, Amer Hasan, economista sênior da Prática Global de Educação do Grupo Banco Mundial, e Nozomi Nakajima, à época doutoranda da Universidade de Harvard, publicaram o texto "Measurement matters in preschool quality". Os autores sustentam que as experiências na primeira infância impactam diretamente o desenvolvimento e os resultados educacionais.

Com base em evidências empíricas, apresentam o uso do instrumento de escala denominado *Early Childhood Environment Rating Scale (ECERS)* na avaliação. A partir da aplicação desse instrumento, os autores formulam recomendações voltadas à organização da Educação Infantil, destacando que o uso de subconjuntos de itens adaptados a contextos locais pode proporcionar medidas mais adequadas à qualidade da sala de aula (Hasan; Nakajima, 2016).

Essa mesma lógica aparece em outra publicação de 2016, "Como usar evidências para melhorar o aprendizado dos alunos/How to use evidence to improve student learning", de David Evans, pesquisador do Centro de Desenvolvimento Global, e Anna Popova, pesquisadora da Universidade de Stanford, que aborda o fato de que o acesso à educação vem melhorando, mas o aprendizado permanece atrasado na África. Evans e Popova (2016) defendem intervenções pedagógicas baseadas em evidências e na identificação do que "funciona" para melhorar a aprendizagem, em um contexto em que o acesso avança, mas os resultados permanecem baixos na África. Os autores destacam, entre as estratégias, a reorganização do ensino por níveis de aprendizagem, com experiências em países como Quênia e Índia, e a formação docente contínua, associada a métodos pedagógicos específicos.

O terceiro eixo refere-se à responsabilização docente e à reorganização do trabalho pedagógico. Em *The Early Grade Bottlenecks and Low Completion Rates in Africa*, Satija Bashir (2019), à época assessora do Escritório do Diretor Global da Prática de Educação do Banco Mundial, descreve um cenário de repetência e abandono escolar na África associado à fragilidade das práticas escolares nas séries iniciais, no qual "as crianças chegam à escola despreparadas e [...] são expostas a escolas onde não aprendem"



(Bashir, 2019, p. 1). A autora desloca a análise para o plano pedagógico, enfatizando a adoção de métodos estruturados e a centralidade da avaliação como instrumento de monitoramento, o que contribui para a responsabilização docente pelos resultados de aprendizagem.

Esse eixo articula-se ao desenvolvimento de competências produtivas, especialmente no contexto da economia digital. Em *Empowering Africa's youth to thrive in a digital economy*, Bentil e Tan (2022) destacam que as habilidades digitais são fundamentais para prosperar na economia digital e defendem a articulação entre a educação e o setor produtivo para o planejamento do currículo educacional, além da difusão de programas considerados exitosos, como Coding for Employment e Code Africa, por meio de *plataformas de e-learning*.

Esse movimento se amplia em 2023 com a publicação de Saavedra e Brixí, em *Empowering adolescent girls in Africa through education*, que propõe ações voltadas à ampliação do acesso de meninas e mulheres à educação e ao trabalho. As estratégias incluem a transformação de normas sociais, o enfrentamento de estereótipos de gênero e o apoio à inserção em áreas estratégicas, especialmente nos campos de Ciência, Tecnologia, Engenharia e Matemática e nas tecnologias digitais.

Tomadas em conjunto, as publicações evidenciam a centralidade do capital humano, da avaliação e da responsabilização docente na orientação das políticas educacionais, redefinindo a educação em função do mercado. Assim, configura-se um conjunto de diretrizes que contribui para a formação de consenso quanto à racionalidade das competências.

CONCLUSÕES

A análise das publicações do blog *Education for Global Development* evidenciou que o Banco Mundial produz consenso em torno do projeto centrado na aprendizagem, por meio da difusão de orientações que reconfiguram a educação nos países africanos, em relação ao projeto da aprendizagem analisado.

À luz do pensamento de Gramsci, esse processo pode ser compreendido como a construção de hegemonia por meio do consenso, que não se estabelece de forma abrupta, mas sim por meio de “combinações sucessivas”, sustentadas por diferentes formas de



autoridade e legitimidade (Gramsci, 2006, p. 207). Nesse sentido, as orientações difundidas pelo Banco Mundial operam como “fórmulas de autoridade” que contribuem para a produção de adesão, muitas vezes sem que seus pressupostos sejam questionados.

REFERÊNCIAS

BASHIR, S. **The Early Grade Bottlenecks and Low Completion Rates in Africa.** World Bank Blogs, [S. l.], 4 jan. 2019.

BENTIL, E. N; TAN, J. **Empowering Africa’s youth to thrive in a digital economy.** World Bank Blogs, [S. l.], 15 jul. 2022.

EVANS, David; POPOVA, Anna. **How to use evidence to improve student learning.** World Bank Blogs, [S. l.], 2016.

GRAMSCI, A. **Cadernos do cárcere.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.

HASAN, A; NAKAJIMA, N. **Measurement matters in preschool quality.** World Bank Blogs, [S. l.], 13 abr. 2016.

PRONKO, M. Modelar o comportamento: novas estratégias do Banco Mundial para a educação na periferia do capitalismo. **RTPS - Revista Trabalho, Política e Sociedade,** Rio de Janeiro, v. 4, n. 6, p. 167-180, jun. 2019.

RAZAFINJATOVO, H. N.; NDOYE, M.; MUTUMBUKA, D.; FREDRIKSEN, B.. **Voices from Former African Ministers of Education on the Challenges of Workforce Development.** World Bank Blogs, [S. l.], 5 jul. 2012.

SAAVEDRA, J.; BRIXI, H. **Empowering adolescent girls in Africa through education.** World Bank Blogs, [S. l.], 7 mar. 2023.

WORLD BANK. **Learning for All: Investing in People’s Knowledge and Skills to Promote Development.** Washington, DC: World Bank, 2011.

